

Estética Negra: Cabelo Crespo e o Lugar da Mulher Negra na Sociedade¹

Ana Cristina Guerra Bastos ²

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar como a estética negra é percebida na sociedade, a partir da forma como cabelos crespos são percebidos em dita sociedade. Partindo da experiência da mulher negra, buscamos analisar como os conceitos de raça e gênero afetam a autoimagem e autoestima dessas mulheres em relação a sua estética.

Palavras-chave

Mulher negras; Cabelo; Estética negra; Identidade.

Introdução

Em uma sociedade em que o peso do padrão de beleza europeu é preponderante, assumir o volume e texturas naturais de cabelos crespos é um comportamento que não só requer vontade, como também a coragem para enfrentar os preconceitos envolvidos e o racismo que faz parte de toda uma estrutura social envolvida.

Desde a inserção na sociedade ocidental, a mulher negra tem sido negligenciada como indivíduo em ambas as suas condições sociais: de mulher e de pessoa negra. Movimentos sociais vêm sendo construídos ao redor de ambas as pautas e o que marca essas vivências, mas sempre de modo excludente, olhando sempre por um ou outro lado, mas nunca ela como um todo. A mulher negra ocupa um lugar muito sensível na sociedade, o lugar de Outro do Outro que, segundo Grada Kilomba (2012), é um lugar de maior vulnerabilidade.

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam a nossa realidade: um debate sobre racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é mulher branca; e um discurso sobre classe onde “raça” não tem lugar. (KILOMBA, 2012, p. 56 apud RIBEIRO, 2017, p. 40)

Assim sendo, é possível observar a falta de protagonismo da mulher negra na construção de sua própria narrativa. Mesmo em movimentos que de alguma forma tentam retratar e

¹ Trabalho apresentado no Espaço de Graduação (EG) Sessão 2 – Comunicação comunitária, diversidade e inclusão, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Graduanda em Relações Públicas na FAPCOM; anacristinaguerrab@gmail.com.

reivindicar suas exigências, a mulher negra é sempre uma personagem secundária, vindo atrás dos homens negros na luta racial e atrás das mulheres brancas na luta de gêneros.

Sojourner Truth (1851) questionou: “E não sou uma mulher?”, em um icônico discurso que acompanhou o questionamento e foi replicado em diversas obras. Naquela reunião sobre o sufrágio feminino, onde homens defendiam a fragilidade do gênero feminino, Sojourner (1851) se levanta e questiona onde essa fragilidade está quando se trata da mulher negra, que em nenhum momento da história teve o mesmo tratamento que era dado à mulher branca. Tudo que foi historicamente imposto às mulheres brancas, foi proporcionalmente negado às mulheres negras no período da escravidão, o que gera uma herança escravocrata em nossa construção social até os dias de hoje.

Tendo sido sempre colocada em pé de igualdade com o homem negro, tudo que era construído como feminino foi negado historicamente à mulher negra, até mesmo a maternidade, como é mencionado por Sojourner em seu discurso de 1851: “Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendido como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu!”. É nesse contexto, nessa falta de narrativa própria, que a mulher negra se encontra, muitas vezes silenciada e deixada de lado até mesmo por seus iguais.

Neste artigo, pretendemos discutir a imagem da mulher negra na sociedade brasileira e a percepção negativa do cabelo crespo como construção social e o seu impacto na vida dessas mulheres. Partindo da experiência da mulher negra, em uma sociedade em que a aparência é um grande fator de aceitação, e os conceitos de beleza são fortemente influenciados pela estética eurocêntrica, este artigo propõe um debate sobre o assunto, apoiando-se no problema de pesquisa: como se dá a construção imagética do cabelo de mulheres negras em uma sociedade fortemente influenciada por padrões estéticos europeus veiculados nas mídias?

O estudo tem como objetivo, compreender a representação do cabelo na construção do papel social feminino, analisando, assim, o seu peso sobre os padrões de beleza da mulher negra em contraste com a estética veiculada na sociedade brasileira pela mídia, propondo uma discussão teórica sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira, em seguida discutindo os padrões que estimulam a opressão estética de corpos negros, focando principalmente nos efeitos sobre as mulheres negras e seus cabelos.

A mulher negra na sociedade brasileira

Ao buscarmos entender a vivência da mulher negra no contexto da sociedade brasileira é importante observar o lugar de fragilidade social em que essa mulher se encontra em uma sociedade guiada por valores racistas e sexistas. Nesse contexto, a mulher negra encontra-se

em um lugar de dupla vulnerabilidade social, uma vez que tanto seu gênero quanto a sua cor são fatores de opressão. Um movimento feminista que contempla apenas pautas de mulheres brancas, assim como um movimento negro que não debate o sexismo, não são capazes de contemplar uma compreensão genuína da realidade dessas mulheres.

Quando o movimento feminista opta por ignorar o debate de raça e o racismo ideológico introjetado na população branca em geral, e feminina em especial, temos um olhar que não contempla a mulher negra em sua complexidade como indivíduo interseccional. Segundo Sueli Carneiro, no texto *Mulher negra*, publicado pela primeira vez na década de 1980, “não cabe ainda a suposição de que uma perspectiva feminista para o movimento de mulheres negras passe pela oposição ou distanciamento do homem negro”. Isso porque o debate racial, para a mulher negra, é tão importante quanto o debate de gênero.

Ao analisarmos o papel da mulher negra na sociedade, podemos observar a maneira como esse vem sendo negligenciado em sua dupla vulnerabilidade, gerando, ainda uma questão de classe. É possível observar um duplo apagamento quando observamos datas importantes para ambos os movimentos sociais. O dia 8 de março é um grande marco para o movimento feminista, o Dia Internacional da Mulher, que marca a conquista das mulheres pelo direito ao trabalho, mas a mulher negra, desde que fora raptada do continente africano, já trabalhava. A data marca também a conquista do movimento sufragista feminino, que deu às mulheres o direito ao voto, direito esse negado às mulheres negras, uma vez que essas, nas condições de pessoas negras, não eram consideradas humanas para dispor do direito ao voto. Assim sendo, dia 8 de março não se mostra o Dia Internacional da Mulher, mas sim, o Dia Internacional da Mulher Branca, um nome mais apropriado.

O mesmo equívoco é observado na escolha de uma data para a comemoração das conquistas e lutas do movimento negro. Dia 20 de novembro, aniversário de morte de Zumbi dos Palmares, é uma data de fato extremamente relevante para reflexão e resgate que, no entanto, apenas muito posteriormente começou a destacar a importância do papel da liderança feminina negra nessas lutas. Lideranças como a de Maria Zeferina, líder e fundadora do Quilombo do Urubu na Bahia; Lélia Gonzalez, grande teórica e autora de diversas obras que discorrem justamente sobre a interseccionalidade da mulher negra na sociedade; Maria Filipa, que liderou o movimento de independência do Brasil no Nordeste do país. Todas essas mulheres, importantíssimas para a história do Brasil, são esquecidas juntamente com as lutas que contribuíram para a história brasileira de forma irrefutável, sendo sempre deixadas de lado nas narrativas, mesmo naquelas que incluem o homem negro em raras ocasiões.

Olhando dados um pouco mais recentes, no Brasil, as mulheres negras são mais de 55,6 milhões da população e chefiam 41% das famílias, recebendo, em média, 58,2% da renda de mulheres brancas. Esses dados foram apresentados no Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, de 2015, feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Já ao analisarmos os dados de violência, temos fatores ainda mais significativos. Segundo o Mapa da Violência, foram 4.936 assassinatos de mulheres registrados em 2017, sendo que 66% das vítimas são negras e mortas dentro de casa por armas de fogo. O mesmo Mapa da Violência, cinco anos antes, em 2012, mostrou que de cerca de 30 mil jovens, entre 15 e 29 anos, são assassinados anualmente no Brasil, 93% são homens e 77% deles negros. Para além da violência, a mulher negra também é forçada a presenciar e lidar com a violência contra os filhos, irmãos e companheiros. É a isso que Lélia Gonzalez se refere ao dizer que “a presença da mulher negra tem sido de fundamental importância, uma vez que, compreendendo que o combate ao racismo é prioritário, ela não se dispersa num tipo de feminismo que afastaria de seus irmãos e companheiros.” (GONZALEZ apud. CARNEIRO 2019, p. 45).

A condição biológica de ser mulher, para a mulher negra, apenas aumentou os níveis de exploração e abuso, uma vez que tinha seu corpo submetido, como corpo feminino e negro, “já que quando fêmea, podia-se extrair-lhe ainda o leite para amamentar os futuros opressores e aliviar taras sexuais dos sinhôs”, disse Sueli Carneiro (2019, p. 49). Para além da opressão de gênero, a mulher negra origina-se em uma experiência histórica diferenciada, que é marcada pela perda do poder do homem negro, que se encontra na situação de escravizado, pela submissão ao homem branco opressor e pela necessidade de criar estratégias para resistir e sobreviver.

É importante que reconheçamos também a posição da mulher branca na hierarquia racial em uma sociedade pautada pelo racismo e o sexismo. Quando falamos da relação de poder entre uma mulher branca e um homem negro, é evidente que a cor oferece vantagem nessa disputa. Um exemplo evidente disso é o caso de Emmett Till, na década de 1940, nos Estados Unidos, quando, aos 14 anos, o garoto foi linchado pelo noivo de Carolyn Bryant por ter “assobiado” para a mulher na rua. Carolyn, décadas após a morte brutal de Emmett, assumiu ter mentido sobre o fato, absolvendo o garoto negro de uma culpa que ele nunca teve.

Olhando para a mulher negra através do seu olhar, podemos observar uma existência de não pertencimento social. Por anos o lugar da mulher negra esteve fora do alcance do olhar social, não sendo digna o suficiente para tal. A sociedade, ao se negar a ver a mulher negra como um ser humano, ao transformá-la em um ser vazio, sem sentimentos, um objeto doméstico, usado, abusado, desrespeitado, alimentou nessa mulher o instinto de sobrevivência.

Para a mulher negra, a existência se tornou sinônimo direto de resistência. E a dor tornou-se combustível para a raiva. Sobre a raiva da mulher negra, Audre Lorde (1981, s.p) menciona:

Mulheres respondendo aos racismos é sinônimo de mulheres respondendo à raiva; raiva da exclusão, do privilégio inquestionável, das distorções raciais, do silêncio, abuso, estereotipação, defensividade, desinformação, traição e preterimento. (LORDE, 1981 s.p, tradução nossa)

Esses abusos aos quais a população negra, em especial a mulher negra, foi submetida durante o período de escravidão têm seus reflexos ainda presentes na vida dessa população até hoje. Segundo bell hooks (1994) foi nessa época que começaram as dificuldades coletivas da população negra com o ato de amar, uma vez que os nossos ancestrais foram testemunhas de seus filhos sendo vendidos, assim como seus amantes, companheiros e amigos apanhando e sendo agredidos sem qualquer motivo. O distanciamento emocional tornou-se uma necessidade caso quisessem sobreviver naquelas condições. “Elas [mulheres negras] sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor.” (HOOKS, 1994). A prática do amor, em um contexto onde não se sabia quanto tempo estariam juntos, tornava pessoas negras vulneráveis a mais um sofrimento que poderia ser evitado por meio da abstenção desse afeto.

A falta de afeto tornou-se para a população negra uma chave para a sobrevivência em uma sociedade racista. De certa forma, muitos negros tomaram a habilidade de conter emoções como uma característica positiva, tornando-se traço de uma personalidade forte. Demonstrar os sentimentos era uma bobagem. Crianças negras são ensinadas desde cedo que o ato de expressar sentimentos é sinal de fraqueza, como então poderiam aprender e estarem abertas para o amor se ele os tornaria fracas? Nesse modelo de educação, a luta pela sobrevivência é mais importante que o amor.

Esse pensamento é transferido através de gerações. Sobre isso, hooks traz um trecho do livro *Sula*, de Toni Morrison, que representa muito bem essa relação familiar. No trecho, Hannah, uma mulher negra adulta, questiona à sua mãe, Eva, se em algum momento ela havia amado, com indignação a mãe responde: “Como é que você tem coragem de me fazer essa pergunta? Você não tá aí cheia de saúde? Como não consegue enxergar?” (MORRISON apud. HOOKS, 1994, s.p). A cena continua, Hannah ainda insatisfeita com a resposta questiona a mãe se em algum momento ela havia brincado com os filhos, ao que Eva responde:

Brincar? Ninguém brincava em 1895. Só porque agora as coisas estão fáceis, você acha que sempre foi assim? Em 1895 não era nada fácil. Era muito duro. Os negros morriam como moscas... Cê acha que eu ia ficar brincando com crianças? O que é que iam pensar de mim? (MORRISON apud. HOOKS, 1994, s.p)

Não é por acaso que esse trecho foi trazido por hooks em um texto sobre a afetividade da mulher negra. Não é por acaso também que Toni Morrison escreveu esse diálogo entre duas mulheres negras, mãe e filha. O diálogo representa uma relação cíclica, Eva não foi capaz de ajudar a filha, Hannah, em seu desenvolvimento emocional, assim como Hannah não é capaz de ajudar o desenvolvimento emocional de sua filha, Sula. O amor na relação dessa família, assim como em diversas famílias chefiadas por mulheres negras, nada mais é do que uma emoção secundária. Na luta pela sobrevivência, o cuidado só tem espaço no ato de prover as necessidades materiais. Eva é uma representação da mulher negra “forte”, que é capaz de suprimir suas emoções para garantir a segurança financeira e material de sua família.

Ao abrir mão de sentimentos, forçadas a ser fortes o tempo todo, as mulheres negras abrem mão, pouco a pouco, da humanidade para um sistema que foi criado justamente para desumanizar. Para bell hooks (1994) o amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras. Segundo ela,

Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.

Geralmente enfatizam nossa capacidade de “sobreviver” apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nós amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso viver plenamente. E para vivermos plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor. (hooks 1994, s.p)

Ao removerem o amor da vida de mulheres negras, e por consequência sua humanidade, lhe é negado o estado de ser ativo, transformando-as em figurantes, objetos nas narrativas do opressor e a torna no Outro. Muitos negros, em especial mulheres negras, se habituaram à falta de amor e a se protegerem da dor que isso causa. Essa dor acaba sendo redirecionada e transformada muitas vezes em raiva, pois a dor, assim como o amor, é percebida como fraqueza. A raiva torna-se o que move, o que estimula a sobreviver, uma vez que a nós são negados o amor e a plenitude da vida com ele.

Voltando a citar Lorde (1981), é importante lembrar que a raiva da mulher negra não é sinônimo do medo que faz com que tranquem as portas de casa ou que evitem de andar nas ruas tarde da noite. Esse ódio, segundo Lorde (1981), é, pelo contrário, a fúria de quem não compartilha com determinados objetivos, esse ódio tem como alvo a destruição e a morte. A raiva da mulher negra tem como objetivo a transformação. Quando uma mulher negra se expressa com raiva, ela está gritando contra séculos de opressão, séculos de silenciamento. Na tentativa de silenciamento da mulher negra, está a culpa. Sobre isso, Lorde (1981) afirma:

Culpa é apenas uma outra forma de evitar a ação, de ganhar tempo e escapar da necessidade urgente de esclarecer as escolhas, escapar da tempestade que se aproxima que alimenta a terra assim como é capaz de curvar árvores. Se falo com você com raiva, ao menos eu falei com você: eu não coloquei uma arma em sua cabeça e te assassinei a sangue frio; eu não olhei para o corpo de sua irmã sangrando e perguntei, “o que ela fez para merecer isso?”. (LORDE, 1981, tradução nossa)

Ao negar à mulher negra a sua raiva por direito, tornando-a um estereótipo, tornando-a uma característica a ser contida, nega-se também a voz para gritar contra as injustiças, as violências e os abusos que ela sofre. Todas as vezes em que uma mulher negra se cala, poupando o desconforto e a culpa da branquitude, involuntariamente essa mulher aperta ainda mais os grilhões que a prendem. Não cabe a nenhuma mulher negra alterar a forma de pensamento de seu opressor. É necessário que mulheres brancas assumam sua responsabilidade na opressão de mulheres negras (assim como de outras mulheres não brancas), caso queiram se unir em uma luta por igualdade; é fundamental que primeiro se desprendam de sua própria opressão e notem que seus sapatos também deixam marcas no rosto de outras mulheres. A culpa, vazia de ação e mudança, não passa de uma outra forma de objetificação.

Mulheres negras são constantemente negadas a sentir. Seja o amor que humaniza, seja a raiva provinda da dor que a falta de amor causa. Tudo que resta é sempre um não lugar. Não lugar no amor. Não lugar na dor. Não lugar na raiva. Quando tomamos os sentimentos e os usamos não como uma fraqueza, mas como uma armadura, que nos protege do sistema racista e patriarcal que a sociedade ocidental impõe, nos tornamos capazes de transformar essas estruturas e nos libertar das correntes que nos prendem a esse não lugar. Como menciona bell hooks (1994, s.p):

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas

sociais existentes. Assim podemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. (HOOKS, 1994, s.p)

O cabelo crespo como beleza negra e símbolo de resistência

Quando falamos do cabelo crespo e sua simbologia na sociedade ocidental, colonizadora e colonizada, tocamos em um ponto delicado na construção social da pessoa negra, em especial da mulher negra. Porque, desde a sua introdução forçada nessa sociedade, o corpo negro foi estigmatizado. A estética é apenas mais uma das esferas que o racismo opera, uma vez que está vinculada ao padrão eurocêntrico de beleza, jogando às margens tudo o que se distancia desse padrão, e essa estética marginalizada se torna pejorativa e os indivíduos que a carregam são estigmatizados por uma aparência subalterna, inferior aos que carregam a estética padrão.

As mulheres negras fazem parte de um grupo que tem sua estética marginalizada. Os adjetivos negativos associados, em especial aos seus cabelos crespos, são diversos: “cabelo duro”, “pixaim”, “cabelo ruim”, entre outros termos depreciativos que são utilizados para reprimir essa “estética subalterna”. Nesse cenário, quando uma mulher negra decide utilizar o cabelo em sua textura natural, ele se torna um objeto político, indo contra a lógica hegemônica e enfrentando a discriminação estética que isso traz.

Aos olhos de muita gente branca, e outras não negras, o black parece palha de aço ou um casco. As respostas aos estilos de penteado naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca: não só como feio, como também atemorizante. Nós tendemos a interiorizar esse medo. O grau em que nos sentimos cômodas com o nosso cabelo reflete os nossos sentimentos gerais sobre o nosso corpo. (HOOKS, 2005, s.p)

A autopercepção é diretamente influenciada pela percepção que a branquitude exerce sobre a mulher negra e, conseqüentemente, sobre os seus cabelos. É comum no discurso de mulheres negras, quando se trata de cabelo, relatos de uma relação conturbada com esse traço da estética desde a juventude. A vereadora Benedita da Silva (1984 apud CARNEIRO, 2019, p. 54), em um discurso, se refere: “...quando tinha casamento, eu enrolava aqueles pedaços de véus que ficavam, eu botava bem comprido... até eu entender a minha negritude, o meu cabelinho duro era alisante mesmo...”. Essa fala é comum na realidade da mulher negra. Desde muito jovens o desejo de se aproximar da estética branca é presente na vida de mulheres negras. Segundo

hooks (2005, s.p): “Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco”. Esse é apenas um dos reflexos da existência de não pertencimento que é imposta sobre a mulher negra. Um exemplo palpável disso é a exigência de uma “boa aparência” frequente em anúncios de empregos, um eufemismo utilizado para esconder o imperialismo e etnocentrismo da estética branca. A padronização da beleza contemporânea foi delegada a branquitude, sendo esses traços o ápice da pirâmide da estética, banindo outras raças não brancas, em especial a negra, para as bases dessa hierarquização, também podendo ser citadas outras esferas da sociedade, como qualidades morais e intelectuais. Essa inferiorização do cabelo crespo é refletida na forma como ocorre a autopercepção. Para bell hooks (2005), um dos fatores que levam ao receio de se usar os cabelos sem química é o medo da desaprovação das outras pessoas. Ela complementa:

[...] várias mulheres negras descrevem fases da infância em que estavam atormentadas e obcecadas com a ideia de ter cabelos lisos, já que estavam tão associados à ideia de essas serem desejadas e amadas. Poucas mulheres receberam apoio de suas famílias amigos(as) e parceiros(as) amorosos (as) quando decidiam não alisar mais os cabelos. (HOOKS, 2005, s.p)

Essa resistência de pessoas próximas, e muitas vezes de estranhos, aumentam ainda mais o receio no uso do cabelo natural, dificultando ainda mais um processo já delicado na vida das mulheres negras. A decisão de parar de alisar o cabelo dá as costas a uma das formas de controle que o racismo exerce. Ao deixar o cabelo em sua textura natural, libera-se de amarras sociais impostas, e há empoderamento que inclui a estética e, por consequência, isso se torna um ato político. Ao assumir o cabelo crespo/cacheado mostra-se contra o que é imposto.

Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou encobrimento desse conflito vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.” (GOMES, 2002, p.03 apud FREITAS, 2018, p.80)

Vanderlei José Maria (1984, s.p. apud CARNEIRO, 2019 p. 52) afirma que, “À mulher negra nunca foi dada a condição de musa [...] em relação à mulher negra, qual olhar temos para ela? O olhar que nós temos para a mulher negra é o olhar daquela que é fruto erótico, uma coisa

a ser comida”. Isto é, para a mulher negra não há uma beleza a ser apreciada, e sim um apelo sexual a ser satisfeito. A mulher negra não é, aos olhos da sociedade racista, digna do olhar respeitoso. Nesse contexto, a mulher negra é um objeto a ser consumido. É, portanto, criado sobre os corpos negros essa imagem de selvageria, de desejo sexual descontrolado, uma imagem novamente criada pelo olhar branco sobre esses corpos. Essa imagem, também é implicada em cabelos volumosos, rebeldes, que não podem ser domados. Nisso, cria-se mais uma necessidade em domar os cabelos, mantê-los sob controle para, assim, termos uma imagem respeitável, uma imagem mais próxima da ideia casta que a sociedade racista e patriarcal colocou sobre a mulher branca.

Para mim era importante que fosse vinculada a necessidade de controlar o cabelo como a repressão sexual. Tendo curiosidade sobre o que passavam as mulheres negras que faziam chapinha ou que fizessem amaciamento, permanente ou outras químicas, quando refletiam sobre a relação do cabelo alisado e a prática sexual, perguntei se as pessoas se preocupavam com o cabelo delas, se temiam que seus pares tocassem os seus cabelos. Sempre tive a impressão de que o cabelo alisado chama a atenção pelo desejo de que permaneça no mesmo lugar. Não foi surpreendente que muitas mulheres negras respondessem que se sentiam incomodadas se as pessoas se concentravam e davam muita atenção aos seus cabelos, sentiam como se o seu cabelo estivesse desordenado, fora de controle. Isso porque aquelas de nós que já liberaram o seu cabelo e deixamos que ele se movimente na direção que ele queira, frequentemente, recebemos comentários negativos. (HOOKS, 2005 s.p)

É a fim de fugir desses estigmas, criados sobre séculos de marginalização e opressão, que mulheres negras buscam os tratamentos químicos como uma forma de se encaixar, ou ao menos se aproximar minimamente, no ideal de beleza eurocêntrica. No entanto, esses tratamentos não suprem completamente essa necessidade de pertencimento, uma vez que é recorrente que continuem desconfortáveis os sentimentos sobre os cabelos. Mesmo com os cabelos alisados, o lugar de não pertencimento se mantém. Para além disso, além de manter esse não lugar dentro da estrutura branca, também se perde a sensação de pertencimento da negritude, uma vez que há um afastamento também do que é considerado ser negro no imaginário coletivo. Essa é apenas mais uma das articulações do racismo que estrutura a sociedade, e que, constantemente, tenta desumanizar as pessoas negras.

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra

no Brasil. Juntos eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos”. (GOMES, 2012, p. 02 apud FREITAS, 2018 p.73)

A construção de uma identidade negra é composta por uma série de fatores biológicos, culturais e sociais que moldam indivíduos e compõem a percepção do mundo e de experiências individuais e coletivas. A experiência de corpos negros em uma sociedade racista é frequentemente perpassada por experiências que, apesar de serem vividas individualmente, são também vividas pelo coletivo, uma vez que são experienciadas por todos, mesmo que em graus diferentes. Ao conversarmos sobre cabelo e estética com mulheres negras que passaram pelo processo que chamamos de “transição capilar”, em que o processo de tratar quimicamente os cabelos é interrompido, deixando que o cabelo cresça em sua textura natural, observamos que muitas vezes essas mulheres nem ao menos sabem qual é a textura natural de seus cabelos. A experiência com relaxamentos, escovas progressivas, chapinha, entre outros processos químicos, são parte constante na vida dessas mulheres desde muito cedo, criando uma dissociação entre elas e seus cabelos que as acompanham em grande parte de suas vidas. É nesse momento que passa a se construir a identidade que anteriormente foi negada, uma vez que os cabelos crespos possuíam uma conotação pejorativa.

Muitas vezes o desejo de romper com os alisamentos, não vem de um desejo consciente de romper com os padrões eurocêntricos de beleza, e sim de uma busca por autoconhecimento. Na experiência dessas mulheres, a vontade de romper com o padrão vem junto com a busca e descoberta de sua negritude, em especial na experiência de mulheres negras de pele clara; é comum que o processo de transição capilar também seja acompanhado por essa descoberta da sua existência como mulher negra em uma sociedade racista e machista. É nesse momento que a mulher se recusa a aceitar os padrões estéticos que reforçam os padrões de beleza eurocêntricos que a afastam da negritude e a mantêm em um lugar de não pertencimento, com a ideia de ser clara demais para ser considerada negra, escura demais para ser considerada branca. É com esse apoderamento da textura de cabelos que se enfrenta a lógica racista, e, conseqüentemente, torna os cabelos em um ato político, para além de apenas estético. Ao assumir cabelos crespos ou cacheados, a mulher negra se coloca diretamente em oposição ao que é imposto e esperado dela. Sobre isso, Nilma Gomes disserta:

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos.

Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que esse segmento étnico/racial foi relegado estar no polo daquele que sofre dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no polo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou introjeção deste. (GOMES 2002, p.03 apud FREITAS, 2018, p.80)

Logo após a transição capilar, temos o *Big Chop* (BC), termo vindo do inglês estadunidense que significa “grande corte”. O grande corte acontece quando a mulher negra, depois da transição capilar, corta toda a parte do cabelo que foi alisada. Ele representa o rompimento total com a estética branca e a mudança que acontece internamente durante o processo de transição. Ao passar por todo esse processo, desde a decisão de parar com o alisamento até o momento do corte das partes alisadas dos cabelos, ocorre um processo de descolonização imagética, em que se fortalece a recusa de uma estética imposta, que subjuga a pessoa negra e negativiza as características e beleza naturais. É interessante considerar que ideologicamente, ao passar por processos estéticos que afastam das raízes negras, a mulher negra colabora, sem perceber, com o fortalecimento da lógica supremacista branca.

Uma outra questão enfrentada por mulheres negras que optam por alisar o cabelo é a suposta facilidade pregada por marcas de produtos de alisamento, ou mesmo por outras mulheres negras. A necessidade de cuidados específicos para manter os cabelos cacheados saudáveis e bonitos sempre foi visto por essas mulheres como um desperdício de tempo, uma superficialidade. Nas palavras de bell hooks (2005, s.p.):

[...] sugeri que talvez o fato de gastar tempo com nós mesmas cuidando de nossos corpos é também um reflexo de uma sensação de que não é importante ou de que nós não merecemos tal cuidado. Nesse grupo e em outros, as mulheres negras falavam de ter sido criadas em famílias que ridicularizavam ou consideravam um desperdício gastar muito tempo com a aparência. (HOOKS, 2005, s.p.)

O pensamento da autora destaca o que foi apropriado pela indústria de beleza branca por muito tempo, incentivando mulheres negras que passassem horas com produtos químicos que queimam, machucam e ferem seu couro cabeludo e danificam os fios, sob o pretexto de ser mais fácil tratar os cabelos dessa forma. A falácia das empresas com produtos voltados ao

público branco, que vendem produtos de alisamento, foi introjetada de tal forma que passou a se tornar uma verdade para muitas mulheres que ainda não se libertaram dos alisamentos. Em contrapartida, essas mesmas empresas, que por anos incentivaram o auto-ódio com suas propagandas e produtos criados para modificar a estrutura natural dos cabelos, hoje ainda detém o monopólio de produtos para cabelos, entre eles os cabelos cacheados. E em suas propagandas, que antes ensinavam a odiar, agora buscam incentivar o empoderamento e libertação dos cachos. Independentemente da forma, seja com os produtos para alisamento ou com a mercantilização do empoderamento negro, o único objetivo dessas marcas é conquistar a fidelização da mulher negra com seus produtos e, conseqüentemente, obter o dinheiro dessa mulher.

Independentemente da maneira como escolhemos individualmente usar o cabelo, é evidente que ao grau em que sofremos a opressão e a exploração racistas e sexistas afeta o grau em que nos sentimos capazes de tanto de autoamor quanto de afirmar uma presença autônoma que seja aceitável e agradável para nós mesmas. As preferências individuais (estejam ou não enraizadas na autonegação) não podem escamotear a realidade em que nossa obsessão coletiva em alisar o cabelo negro reflete psicologicamente como opressão e impacto da colonização racista. (HOOKS, 2005 s.p)

Assim sendo, a resistência se torna um dos objetivos dessa estética negra, pois se coloca diretamente contra a lógica hegemônica. Usando os seus cabelos e corpos, negros cultuam sua beleza com penteados, roupas, acessórios, entre outras coisas. Quando o direito de ser belo foi negado às pessoas negras pelos padrões tradicionais de beleza, elas criaram sua própria concepção de belo, que se coloca no mundo como um ser belo e cultua a beleza que há em corpos negros. A beleza que existe em cabelos crespos, na pele escura, nos lábios cheios. O nascimento de uma estética negra, não só enxerga a beleza em corpos negros, como muda em si o foco da narrativa estética, colocando nossos traços como o centro de um novo conceito de belo, deixando para trás padrões que não os representam e que foram criados para subjugar a autoestima na medida em que nega a possibilidade de pessoas negras se sentirem belas.

Ao alisar os cabelos e buscar se encaixar no padrão eurocêntrico de beleza, se nega a própria identidade, na tentativa de alcançar um ideal impossível dentro da realidade estética. Ao romper com esse ideal, abrem-se novas possibilidades de existir esteticamente, enquanto pessoa negra. Sendo assim, um novo ideal de beleza é criado, feito por quem conhece e para aqueles a quem faz sentido a própria singularidade.

Considerações finais

Partindo do entendimento que a sociedade tem influência direta na construção da subjetividade dos indivíduos que a compõem, é importante ter em vista que uma sociedade forjada com base em ideais racistas e excludentes socialmente, assim como norteadas por parâmetros patriarcais e machistas, gera grupos de indivíduos marginalizados, uma vez que esses fatores norteadores se transformam em imposições que segregam e inferiorizam segmentos dessa sociedade.

Nesse horizonte de análise, a mulher negra ocupa um lugar de dupla vulnerabilidade, uma vez que é afetada tanto por questões de gênero quanto de raça, sempre sendo pertencente de um não lugar; em ambos os campos as discussões desses assuntos partem da voz de mulheres brancas quando se trata de gênero, e da voz de homens negros quando se trata de raça. As mulheres negras são colocadas às margens em ambas as discussões, para além de sofrerem com o racismo na condição de pessoa negra, sofrem também com o machismo que estabelece um padrão estético feminino baseado em características europeias que são colocadas como superiores aos traços naturais da beleza de mulheres negras.

No ocidente, as mulheres negras sofreram um processo constante de coisificação de seus corpos, tornando-se um objeto da sociedade ocidental, sendo despidas completamente de sua humanidade pelas atrocidades da escravidão, que possui reflexos até hoje. A coisificação do corpo negro é também uma das formas de opressão que resultam na subalternação desses corpos, inferiorização de sua estética em comparação com a estética branca eurocêntrica.

Quando falamos do cabelo de mulheres negras, percebemos que esse tem uma relevância pelo significado que vai além de uma discussão sobre a estética vigente que exalta uma beleza eurocêntrica em detrimento e marginalização dos traços e beleza negra. Quando discutimos sobre a “ditadura do cabelo liso”, discutimos também sobre o papel opressivo que esse cabelo liso tem sobre a construção da identidade de um indivíduo negro e como isso se reflete na comunidade em geral. Portanto, o tratamento subjetivo que damos ao cabelo da população negra, reflete a tensão racial que existe na sociedade brasileira. Ao reconhecermos essa tensão, vemos também que ela marca a trajetória dos indivíduos dentro dessa sociedade, tornando qualquer intervenção no corpo ou cabelo da população negra, mais que meramente estética, parte de um processo identitário e de auto reconhecimento.

Nessa perspectiva, é possível considerar que, o processo de “transição capilar” acaba se tornando, para muitas mulheres negras, também um processo de resgate racial, fazendo parte do “tornar-se negro” dentro de uma estrutura social que estigmatiza a população negra. A partir do momento que acontece a decisão de romper com a estética branca e a lógica hegemônica,

começa a construção identitária da mulher negra. Ao tornar presente o uso de cabelos crespos em seu natural como um ato de libertação que ultrapassa as barreiras racistas, as mulheres negras recriam sua identidade racial, libertam-se não só dos produtos químicos utilizados para alisar seus cabelos, mas também do olhar branco sobre sua identidade.

Ao se libertar dos padrões eurocêntricos, a mulher negra se liberta também das amarras racistas que prendem sua estética aos padrões brancos. Ao se apoderar de cabelos crespos, também se apodera de sua narrativa como indivíduo e como coletivo, removendo do olhar branco racista o poder de ditar o que é belo. Esse ato de ruptura, para além do estético, é um ato político, que ao promover a libertação de estigmas sobre seus corpos e cabelos, também permite que o entendimento de seus cabelos, corpos e subjetividade sejam ampliados, mudando a percepção que a sociedade tem deles. Ao aceitar os cabelos, traços e corpos negros, se adquire controle das próprias narrativas como grupo e indivíduo, ampliamos os debates que cercam e influenciam as histórias, subjugando o olhar que outrora o colonizador exerceu sobre esses corpos.

Referências

ATLAS da violência. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulher negra. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

DAVIS, Angela. Racismo no movimento sufragista feminino. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, Geisiane Cristina de Souza. Cabelo crespo e mulher negra: a relação entre cabelo e a construção da identidade negra. **Revista Idealogando**, Recife, UFPE, v.2, n. 2, 2018.

HOOKS, bell. Alisando nossos cabelos. **Geledés**, 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. Vivendo de amor. **Geledés**, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

LORDE, Audre. The uses of anger: women responding to racism. **Blackpast**, 2012. Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/speeches-african-american-history/1981-audre-lorde-uses-anger-women-responding-racism/>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

RETRATO das desigualdades de gênero e raça. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>>. Acesso em: 25 out. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.



WERNECK, Jurema. O racismo nosso de cada dia e a situação da mulher negra brasileira. **Huffpost Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/jurema-werneck/o-racismo-nosso-de-cada-dia-e-a-situacao-da-mulher-negra-brasile_a_21905772/>. Acesso em: 24 out. 2019.